

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM VIGILÂNCIA EM SAÚDE

Lucas Moreti

A INSERÇÃO DOS JOVENS NUMA REDE SOCIAL CHAMADA: tráficos de drogas.

Rio de Janeiro

2012

Lucas Moreti

A INSERÇÃO DOS JOVENS NUMA REDE SOCIAL CHAMADA: tráficos de drogas.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Vigilância em Saúde.

Orientador: Valéria Carvalho
Co- Orientador: Flávio Serafini

Rio de Janeiro

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

Lucas Moreti

A INSERÇÃO DOS JOVENS NUMA REDE SOCIAL CHAMADA: tráficos de drogas.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Vigilância em Saúde.

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Valéria Fernandes Carvalho – Laboratório de Formação Geral na Educação Básica em Saúde/Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz

Isabel Mansur– Mecanismo Estadual de prevenção e combate à tortura do Rio de Janeiro

Guilherme Pimentel Spreafico Braga– Comissão de direitos humanos da Alerj

*Dedico este trabalho
a ela que sempre acreditou em mim
e sempre será um exemplo de vida:
minha MÃE.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada, por realizar o meu sonho de estudar na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio e por ajudar na realização deste trabalho.

Agradeço aos meus pais por sempre acreditarem em meu potencial, por me apoiarem em minhas decisões e escolhas, por representarem o que mais tenho de precioso neste mundo.

Agradeço minha querida irmãzinha Sara, por sempre alegrar os meus momentos, por sempre aliviar os dias de tensão com a sua meiga voz dizendo “te amo irmão!”.

Agradeço minha orientadora Val, pela sua infinda paciência e respeito, por sempre estar disponível nos momentos mais difíceis na construção deste trabalho e da minha vida.

Agradeço ao meu co-orientador Flávio, pela contribuição na construção trabalho, pela serenidade passada nos encontros.

Agradeço aos meus amigos politécnicos, os levarei comigo por onde eu for. Vocês foram muito importantes neste período da minha vida. Período que graças a vocês, se tornou inesquecível.

Agradeço aos meninos e meninas entrevistados neste trabalho, pela coragem de expor suas opiniões diante do contexto em que vivem.

Agradeço a todos que contribuíram com este trabalho de forma indireta ou direta para a realização deste trabalho.

*“Se vocês estão a fim de prender o ladrão
Podem voltar pelo mesmo caminho
O ladrão está escondido lá embaixo
Atrás da gravata e do colarinho
O ladrão está escondido lá embaixo
Atrás da gravata e do colarinho”.*
(Bezerra da Silva)

RESUMO

A leitura inicial sobre os estudos acerca do envolvimento dos jovens no tráfico de drogas é muito extensa e multidimensional, tanto no que diz respeito às abordagens realizadas nos mais diversos campos de conhecimentos, quanto nas concepções que atravessam esses estudos. Percebe-se que as diferentes visões sobre este problema social podem levar a leituras que expressam de forma distinta suas origens e motivos, apontando, desta forma, para tratamentos e soluções também diferenciadas para esta questão. A difusão do senso comum dominante criado pelos meios de comunicação interfere não só no olhar da sociedade sobre essa questão, como também interfere e direciona a formulação e efetivação das políticas públicas para tratar da mesma. Desta forma, considera-se fundamental compreender os motivos que levam os jovens a se envolver nesse comércio do tráfico, ou seja, os motivos que os levaram e levam a trabalhar no tráfico. Tendo em vista as diferentes visões acerca da questão, pretende-se: a) compreender, a partir da própria perspectiva dos jovens, por que em determinado momento de suas vidas entraram neste mundo que, muitas vezes, é um caminho sem volta e; b) analisar e problematizar o senso comum construído pela mídia sobre o envolvimento de jovens no tráfico de drogas, através da visão de adolescentes que foram soldados do tráfico de drogas.

Palavras-Chave: Juventude. Tráfico de Drogas. Estado Penal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A CONFIGURAÇÃO DO ESTADO PENAL NO RIO DE JANEIRO	12
2.1 O ESTADO PENAL COMO UMA DIMENSÃO DO NEOLIBERALISMO.....	12
2.2 E COMO NUM “FAZ-DE-CONTA”O ESTADO PENAL AVANÇA SOBRE O RIO DE JANEIRO.....	14
2.3 FAVELADO SIM, E COM MUITO ORGULHO.....	22
2.4 O ENVOLVIMENTO DE JOVENS COM O TRÁFICO DE DROGAS – OLHARES DISTINTOS ACERCA DE UMA MESMA QUESTÃO SOCIAL.....	22
3 O OLHAR DE JOVENS ESTUDANTES MORADORES DE FAVELA SOBRE A ENTRADA DO JOVEM FAVELADO NO TRÁFICO DE DROGAS	28
4 CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DA PESQUISA	48

1 INTRODUÇÃO

Durante as páginas que se seguem por este trabalho, pretendi incentivar a maior compreensão da inserção dos jovens favelados no que denominei de: rede social do tráfico de drogas. Este termo, na atualidade está diretamente ligado a internet, mas compreendo que o tráfico de drogas pode ser encarado como uma rede social, pois representa um tipo de interação social, espaço em que jovens tem algo em comum. Levando em consideração que nós, seres humanos, sempre vivemos em redes: torcemos juntos por times de futebol, frequentamos clubes, igrejas e outros.

Neste trabalho, procurei entender de que forma a entrada do jovem no tráfico de drogas se relaciona com o contexto social da atual fase do capitalismo, o chamado neoliberalismo, fundamentalmente, em sua face penal. Para tanto, analiso brevemente as transformações nesse modo de produção a partir da década de 1970. Momento este no qual há reconfiguração do capitalismo na sua forma de acumular capital.

Ao longo da monografia demonstro como, para o sucesso desta fase, é necessária a utilização das ferramentas do Estado Penal, através da ampliação e intensificação da repressão nos territórios excluídos e propensos à entrada de jovens no tráfico de drogas. Analiso dados que comprovam o sucesso neoliberal no processo de criminalização da pobreza.

Dessa forma considero de grande importância de investigar quais são as concepções sobre a entrada do jovem no tráfico de drogas, pois a explicações sobre esta entrada é extensa e multidimensional, e ainda mais importante ouvir jovens estudantes moradores de favela sobre a inserção dos jovens nesta rede social – tráfico de drogas.

As distintas concepções sobre esta questão social pautam e orientam políticas públicas, que hora caminham para intensificação da repressão para a solução dessa questão, hora propõe um olhar mais amplo, que levam em conta as determinações sociais para essa inserção. No momento penal do capitalismo, verificamos que há predomínio da primeira perspectiva. Essa visão predominante é difundida cotidianamente para a sociedade através dos diversos meios de comunicação. Por isso entendo o quanto é importante ouvir jovens que cotidianamente convivem com essa rede social. Dessa forma, defini como objetivo geral desse trabalho: compreender e problematizar o senso comum construído pela mídia sobre o envolvimento de jovens no tráfico de drogas, através da visão de estudantes moradores de favela. Para tanto busco ao longo da monografia: contribuir para a compreensão dos motivos que levam à inserção de jovens no tráfico de drogas; apresentar e compreender a visão dos estudantes moradores da favelas sobre os motivos que levam os jovens a entrar no mundo do tráfico;

analisar como os meios de comunicação apresentam a inserção dos jovens no tráfico de drogas e; mapear e analisar as diferentes concepções acerca deste problema social.

No primeiro capítulo apresento a contextualização da transição do Estado do Bem Estar Social para o Estado neoliberal com sua face penal. Analisando através de dados, as conseqüências deste Estado Penal na vida dos favelados, comprovando a discriminação sofrida pelos moradores de favelas. Esta discriminação é reconhecida no tratamento desigual dado aos favelados. Apresento as diferentes concepções sobre o envolvimento dos jovens no tráfico de drogas.

No segundo capítulo exponho a visão de jovens estudantes moradores de favelas sobre o envolvimento dos jovens no tráfico de drogas. Estes jovens favelados revelam suas concepções sobre a relação do Estado com: os jovens favelados e com a favela. Analisam esta interação está ligada a inserção dos jovens no narcotráfico.

Para desenvolver estes objetivos utilizei os seguintes procedimentos metodológicos:

- 1) Análise bibliográfica e documental com o objetivo de: realizar a revisão da literatura através de estudo e análise em artigos, livros e produções acadêmicas em geral voltadas para entender tanto o processo de inserção dos jovens na rede social denominada tráfico de drogas; quanto as distintas visões acerca dessa questão social;
- 2) Levantamento e mapeamento, através de periódicos, como por exemplo, O Globo, Folha de São Paulo e sites no período do governo Sérgio Cabral, das notícias que tratam do fenômeno em análise com o objetivo de: analisar como os meios de comunicação apresentam os motivos que levam os jovens a se inserir no comércio e tráfico de drogas;
- 3) Realizar entrevistas com estudantes moradores em uma favela no Rio de Janeiro para compreender a visão dos mesmos sobre os motivos que levam os jovens a entra no mundo do tráfico.

Cabe esclarecer que:

- 1) As entrevistas foram realizadas com 22 estudantes, com idades entre 14 e 21 anos, moradores de uma favela no Rio de Janeiro.

- 2) A favela o qual foram feitas as entrevistas e os entrevistados não serão identificados neste trabalho. Acreditamos que ao identificarmos os entrevistados e o lugar onde moram, estaríamos colocando em risco tanto o entrevistado, quanto o pesquisador.
- 3) O projeto de pesquisa, com proposta para o desenvolvimento desse trabalho, foi submetido à avaliação do Comitê de Ética e Pesquisa da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, e aprovado pelo mesmo após atendimento das recomendações dos pareceristas.

2 A CONFIGURAÇÃO DO ESTADO PENAL NO RIO DE JANEIRO

2.1 O ESTADO PENAL COMO UMA DIMENSÃO DO NEOLIBERALISMO

O avanço do chamado “Neoliberalismo” é expressão das transformações tanto na dimensão econômica quanto na dimensão social do Estado Capitalista. Essas transformações fazem parte do processo de reconfiguração desse Estado, fenômeno denominado por alguns estudiosos de “Estado Penal”, entendido como uma das faces do Estado capitalista em seu momento “neoliberal”.

De acordo com Hélio Luz, ex-deputado pelo PT¹, “a função desse Estado é arrecadar dinheiro: uma parte vai para a classe dominante fazer a sua manutenção e o restante é gasto no controle dos negligenciados. Quando a “mídia” fala em crime organizado e Estado paralelo nas áreas de exclusão ela está desinformando o povo.

O que antes era caracterizado, nos países “centrais”, como Estado de Bem Estar Social (EBES), por ter, entre outras questões, como uma de suas principais “marcas” – no que diz respeito ao tratamento dispensado à pobreza e à condição social – a formulação de políticas públicas voltadas para a garantia do bem-estar da população e a redução da desigualdade social, reconfigura-se na era neoliberal. Dessa forma, esse mesmo Estado capitalista, diante de uma nova correlação de forças e de um novo patamar da luta de classes, modifica a tática de lidar com a pobreza, revestindo-se fundamentalmente de seu caráter punitivo.

Segundo Wacquant (2003)

“As agressivas práticas policiais e as medidas de aprisionamento adotadas hoje pelo continente europeu são parte integrante de um processo mais amplo de transformação do Estado, que foi posto em marcha pela mutação do trabalho assalariado e pela reversão da balança de poder tanto na relação entre as classes como na luta dos grupos sobre o controle do emprego e do Estado” (WACQUANT, 2003, p. 72)

Observa-se que o Estado capitalista adota táticas distintas em conformidade com a capacidade de mobilização da classe trabalhadora e de sua crise.

Esse panorama permite compreender as transformações na concepção que orienta a formulação das políticas públicas atuais. De acordo com Bourdieu (apud Wacquant) a regulação da classe operária pela chamada “mão esquerda” do Estado capitalista, baseada fundamentalmente na conformação de sistemas públicos de educação, saúde, seguridade e habitação (1988), é substituída no período neoliberal pela regulação através da chamada “mão

¹ Partido dos Trabalhadores

direita” do Estado, caracterizada pela intensificação da atuação do sistema prisional, das polícias, dos cortes, ou seja, pelo caráter coercitivo, repressor e opressivo do Estado.

O objetivo de políticas públicas nestes dois momentos do Estado capitalista é distinto. Assim o que antes tinha como objetivo diminuir os efeitos colaterais de um mercado capitalista e diminuir a desigualdade social, agora dentro do Estado Penal segue por rumos diferentes. Se no momento do EBES o objetivo era amenizar e abafar os conflitos advindos das contradições próprias do capitalismo, expressa nas tensões entre capital e trabalho, via ampliação dos direitos e investimentos sociais; na fase “neoliberal”, do capitalismo o foco é reprimir qualquer manifestação das classes economicamente desfavorecidas para garantir a manutenção dos interesses das classes dominantes, classes que apóiam a contenção de classes inferiores economicamente. Através do consenso da massa. Pois, o avanço do Estado Penal permiti a estas classes sociais favorecidas esconder e conter as desordens urbanas geradas nas camadas inferiores (WACQUANT, 2007).

Nesse contexto o Estado, segundo Wacquant (2007), passa a ser caracterizado como *liberal – paternalista*. Liberal para as classes favorecidas e os grandes empresários do capitalismo e paternalista com as classes menos favorecidas. Isso nos levar a crer o aumento da desigualdade social através de um tratamento injusto e desigual. As políticas adotadas dentro do Estado Penal possuem como um de seus principais objetivos suprimir e calar a classe trabalhadora diante das ações tomadas por grandes capitalistas Assim, nos Estados Unidos, por exemplo, o Estado passa a aderir à política de Tolerância Zero, e esta política foi formulada e dirigida às camadas populares da sociedade e tinha como principal foco os guetos nos Estados Unidos. Tolerância zero, representada pela repreensão exagerada; cortes orçamentários e obviamente o aumento do sistema carcerário para conter o aumento de prisões feitas pela polícia.

Loïc Wacquant aponta as conseqüências dessa política:

Saturar bairros marcados pela exclusão social com agentes policiais, sem melhorar as condições e opções de vida e emprego de seus residentes, **certamente levará** a um aumento de prisões e condenações, e, por fim, ao crescimento da população encarcerada. Em que proporções? O futuro dirá. (WACQUANT, 2008, p. 100, grifo nosso)

O autor conclui que esse avanço do neoliberalismo é sinônimo do que podemos chamar de restabelecimento da ditadura sobre os pobres.

Ainda segundo Wacquant (2007) apesar das diferenças burocráticas, econômicas e tecnológicas entre os países dominantes e a realidade do Brasil, é possível perceber “algumas

semelhanças estruturais e de aspirais políticas paralelas que emergem nas tramas da pobreza aguda, da violência cotidiana e da detenção punitiva nas metrópoles dos EUA e do Brasil” (p.212), por exemplo. Entre essas, o autor destaca:

- a) A ação virulenta da polícia nos bairros abandonados e estigmatizados, que se tornam lugares centrais para a inovação e exibição da agressiva imposição da lei através da qual o Estado reafirma sua capacidade de ação;
- b) A contração e desregulamentação do mercado de trabalho combinado com a retração social e com a redução de investimentos urbanos intensificaram a busca pela subsistência no mercado informal de trabalho. “Nos dois lugares, então, a violência da economia oficial do trabalho assalariado dessocializado alimenta a economia da violência informal que justifica a elaboração da estratégia penal” (p.213);
- c) As divisões etno-raciais que, apesar de se manifestarem de forma específica nesses países, cumprem papel decisivo no sentido de conjugar e acentuar o “espectro das desigualdades para ajudar a intensificar a violência do Estado sobre quem se situava na base das camadas sobrepostas de privação” (p. 214).

A semelhança exposta por WACQUANT (2007), entre o Estados Unidos e o Brasil também se reflete no discurso adquirido pela sociedade e o Estado neoliberal, o discurso do medo, em que todos passam a temer aos pobres, tratando estes como criminosos, tornando palavras como “favelado” sinônimo de perigoso. Dessa forma compreendo que este argumento de que o “morador de favela é perigoso e merece ser reprimido em qualquer circunstância”, é usado apenas para absolver o Estado das atitudes tomadas para com esta parcela da população, atitudes que não são cometidas em outras localidades, como por exemplo, Copacabana, Ipanema e Leblon. Ou seja, o discurso do medo adotado pela população, transpassado pela mídia, incorporado pela sociedade reforça a diferenciação de indivíduos pelo Estado.

2.2 E COMO NUM “FAZ-DE-CONTA” O ESTADO PENAL AVANÇA SOBRE O RIO DE JANEIRO...

Na cidade do Rio de Janeiro o avanço deste Estado Punitivo é expressivo e tem sido um importante laboratório para implementação destas políticas. Em estudo realizado por pesquisadores da UFRJ, “AUTOS DE RESISTÊNCIA”: UMA ANÁLISE DOS

HOMICÍDIOS COMETIDOS POR POLICIAIS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (2001-2011) coordenado pelo Professor Michel Misse, o Estado do Rio de Janeiro, a partir do ano de 1990 passou a investir pesado em medidas de correção e punição das classes que apresentam perigo à manutenção do jogo de interesses econômicos do Estado Penal, do Estado Neoliberal.

De acordo com esta mesma pesquisa, o Estado do Rio adquiriu armas de alto potencial, fuzis 762 e aumentou a frota de veículos blindados conhecidos como “caveirões”. Também investiu na capacitação de policiais para atuarem na famosa “guerra urbana”, assim aumentando o número de policiais do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) e do Batalhão de Policiamento de Choque (BPCHq), além de se criarem Grupamentos de Ação Tática (GAT) nos batalhões convencionais. Investimento em equipamentos que servem apenas para reforçar a discriminação dentro de uma sociedade que exclui camadas sociais sob os quais recaem os estereótipos criados pela mídia.

Vera Malaguti trás para o Brasil a análise de Loïc Wacquant sobre o real sentido do encarceramento.

Daqui da colônia, nos perguntávamos o mesmo que Loïc Wacquant se perguntava no hemisfério norte: “Para que serve finalmente, a prisão no século XXI?” Nilo Batista analisava então o sistema penal nas sociedades pós-industriais num momento em que o capital transnacional financeiro-eletrônico iniciara o movimento de abandonar o corpo do homem, que interessa agora como consumidor. A nova fórmula seria: penas alternativas para os possíveis consumidores e cadeia para os “consumidores falhos”. Bauman denuncia que a pobreza não é mais exército de reserva de mão-de-obra, tornou-se uma pobreza sem destino, precisando ser isolada, neutralizada e destituída de poder (BATISTA, 2004)

Enfatizando, os pobres precisam ser **isolados, neutralizados e destituídos de poder**. Isolados em favelas, neutralizados por veículos de comunicação e pelas prisões e destituídos de poder de lutarem por seus direitos.

O Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro divulga todos os anos os resultados da política de segurança adotada pelo atual Governador do Estado do Rio de Janeiro Sérgio Cabral. Ver gráfico 1.

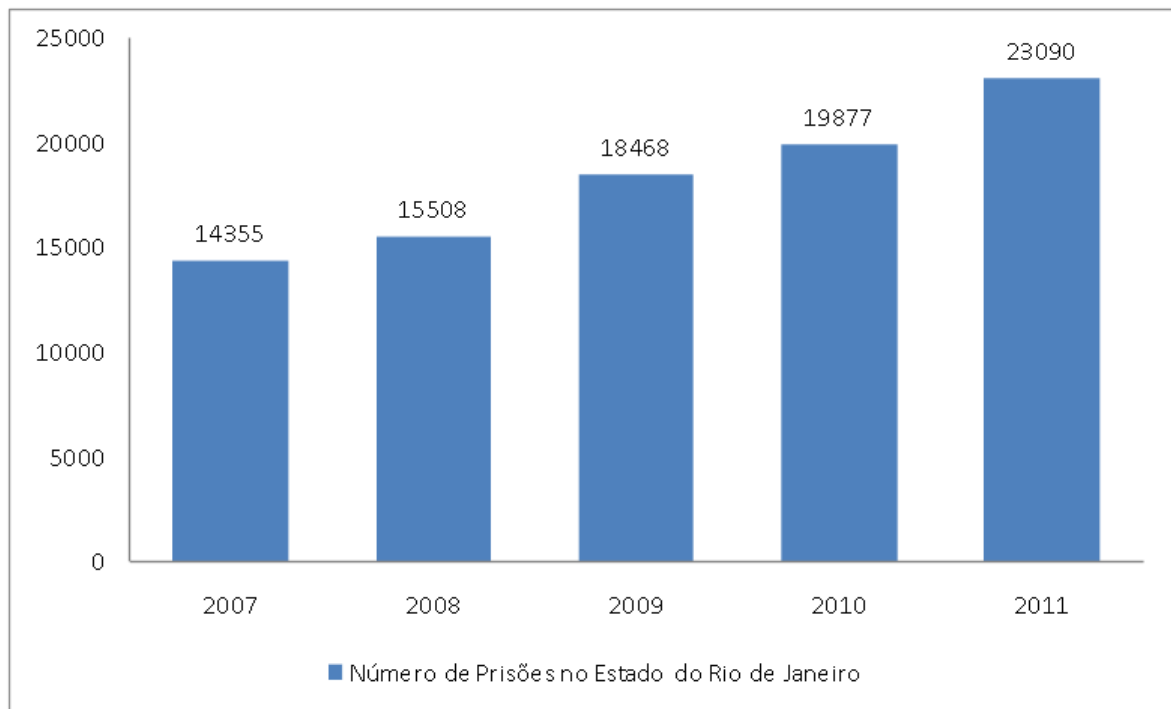


Gráfico 1. Número de Prisões no Estado do Rio de Janeiro

Fonte: O autor.²

O gráfico um nos mostra o crescimento no número de prisões efetuadas pela polícia no Estado do Rio de Janeiro nos anos de 2007 (14.355); 2008 (15.508); 2009 (18.468); 2010 (19.877); e 2011(23.090). Somente no período de 2007 a 2011 houve no total 91.238 prisões realizadas pela polícia. Verifica-se através dos dados apresentados no gráfico um aumento vertiginoso das prisões efetuadas ao longo dos anos. Um aumento de 60% em quatro anos. Ou seja, cada vez mais o Estado usa contra os que não possuem poder de consumo, os considerados dispensáveis para sociedade, seu método mais eficaz para o sucesso da política neoliberal, para o sucesso do Neoliberalismo, qual seja: o encarceramento.

Wacquant (2007) faz uma reflexão sobre o aumento no número de prisões na Europa com um contexto muito parecido com o contexto no qual o Rio de Janeiro está inserido hoje:

“... Apesar disso, o fato característico do fim do século é, sem sombra de dúvida, a tremenda inflação da população carcerária nas sociedades avançadas [...] devido ao freqüente, de fato rotineiro, uso do aprisionamento como um instrumento de administração da insegurança social. [...] em todos os países onde a ideologia neoliberal de submissão ao ‘livre mercado’ se implantou, observamos um espetacular crescimento do número de pessoas colocadas atrás das grades, enquanto o Estado depende cada vez mais da polícia e das instituições penais para conter a desordem produzida pelo

² Dados retirados do Site do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.isp.rj.gov.br/>> Acessado em 12/12/2012

desemprego em massa, a imposição do trabalho precário e o encolhimento da proteção social.” (WACQUANT, 2008, p. 96)

As incursões dos policiais em favelas dominadas pelo tráfico de drogas acabam gerando o que conhecemos como “troca de tiro”, incluindo um grande número de moradores em risco de perderem suas vidas. Um grande número de inocentes sendo assassinados por um Estado aplaudido e inocentado pela população não residente de favelas.

Um Estado que autoriza seus policiais através do “AUTO DE RESISTÊNCIA”³ a matar sem que mais tarde haja problemas devido a este fato. Policiais são absolvidos de qualquer culpa, porque simplesmente alegam terem matado em legítima defesa. Por consequência, devemos ressaltar que os números de autos de resistência intensificam o que podemos chamar de exclusão social no sentido mais radical desta concepção, qual seja: o extermínio de seres humanos considerados “descartáveis”. Ver gráfico 2.

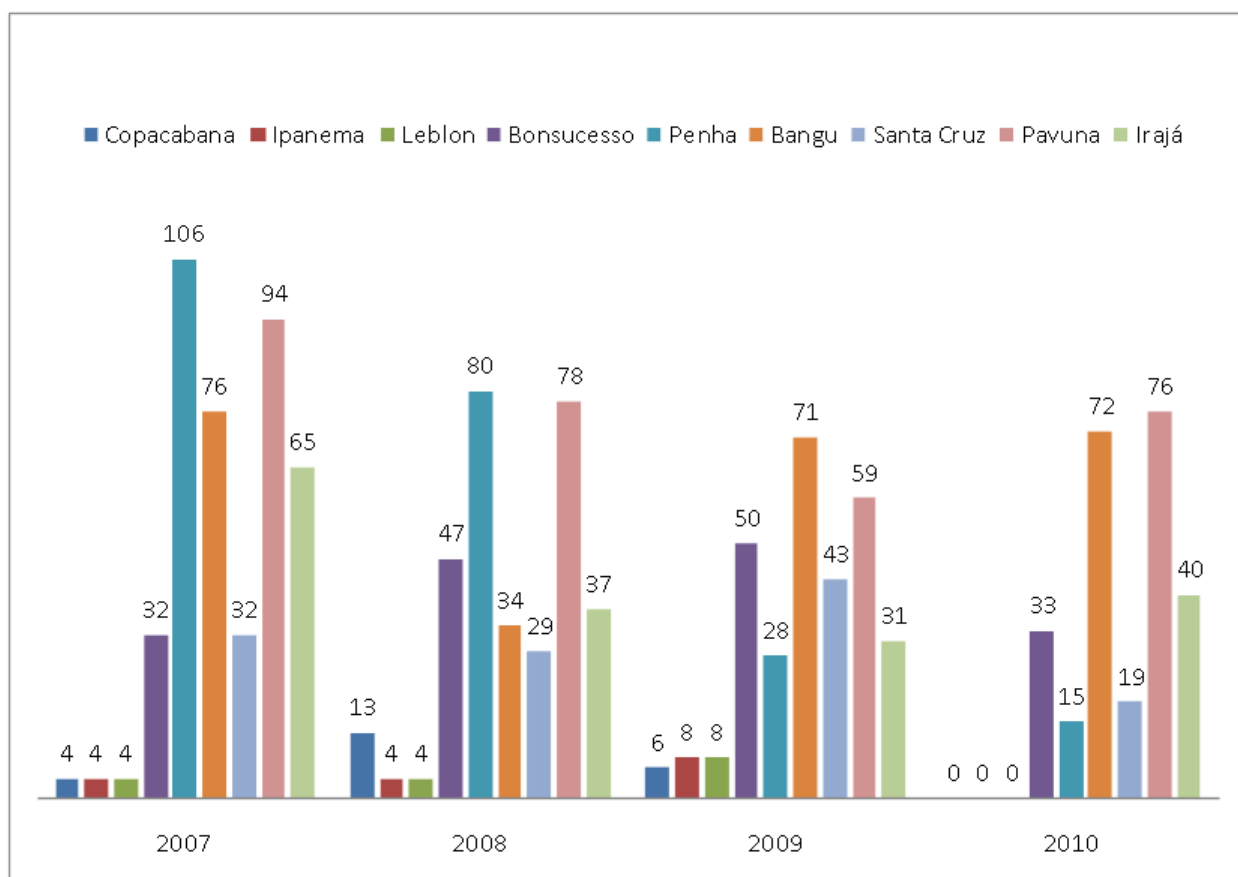


Gráfico 2: Vítimas de Auto de Resistência por bairro (2007-2010).

³ Medida administrativa criada durante o regime militar, o auto de resistência é usado para evitar a prisão em flagrante do agente envolvido em homicídio durante a operação policial. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,estado-ainda-lidera-em-autos-de-resistencia-e-letalidade-policia,771867,0.htm>> Acessado em 12/11/2012

Fonte: O autor.⁴

O gráfico dois nos mostra que em bairros como Copacabana, Ipanema e Leblon possuem um número bem mais baixo de auto de resistência se comparado a bairros como: Irajá, Pavuna, Bangu, Santa Cruz, Penha e Bonsucesso. Dessa forma, pode-se inferir que nossa sociedade rotula os indivíduos de acordo com o mapa geográfico.

O gráfico além de nos mostrar o número de autos de resistência por bairros, nos mostra que o Estado Penal no Rio de Janeiro não mata qualquer cidadão, não mata qualquer morador do Rio de Janeiro, não mata indiscriminadamente. Não, o Estado Penal mata seletivamente! Marcelo Freixo⁵ afirma que gira em torno de 1% o número de moradores de favelas envolvidos com algum tipo de crime, no entanto o lugar que mais há autos de resistência é a favela. Uma só polícia, uma mesma instituição, mas com abordagens diferentes. A visão do Estado sobre esta parcela da população é retratada nos seus departamentos. Em 2003 algumas matérias de jornais publicaram um trecho da música que policiais cantavam ou cantam durante seus exercícios físicos:

O interrogatório é muito fácil de fazer; pega o favelado e dá porrada até doer. O interrogatório é muito fácil de acabar; pega o favelado e dá porrada até matar. Bandido favelado não se varre com vassoura; se varre com granada, com fuzil, metralhadora. (“Eles entram atirando”. Regina Rocha e Rodrigo Otávio. Retirado do site do Jornal Brasil de Fato)


Dessa forma, trata-se de problematizar e refletir sobre a visão que atravessa a formação dos policiais deste aparelho estatal no contexto do Estado Penal. Não podemos crer que uma instituição que canta este tipo de música em seu treinamento tenha alguma visão diferente da que está sendo cantada. Não pode-se naturalizar que uma organização que teria como função manter a “segurança pública” da população, trate moradores de favelas com esta discriminação e violência brutal, tratar moradores não como pessoas, mas como animais que podem sofrer tudo em um interrogatório. E se não satisfazer como o esperado, pode chegar à morte.

⁴ Dados retirados do Site do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.isp.rj.gov.br/>> Acessado em 12/12/2012

⁵ Em palestra proferida para estudantes do Curso Técnico de Nível Médio em Saúde da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio em 2010.

Isto evidencia realmente qual a visão do Estado para com os chamados “favelados”. Como fica explícito na declaração dada por Sergio Cabral, governador do Rio de Janeiro, site do globo.com, em outubro de 2007.



AMPLIAR 
O governador do Rio, Sérgio Cabral
(Foto: Mauro Nascimento / G1)

Aborto

G1 – Mas o Brasil não consegue dar conta do mosquito da dengue. Teremos condições de resolver essa questão das drogas? Cabral -

O Brasil não dá conta do câncer. Não dá conta dos que necessitam de CTIs. Não dá conta de um monte de coisas. Se for partir para isso... São duas questões que têm a ver com violência: uma é a questão das drogas que é mais internacional. O Brasil deve contribuir. A outra, é um tema que, infelizmente, não se tem coragem de discutir. É o aborto. A questão da interrupção da gravidez tem tudo a ver com a violência pública. Quem diz isso não sou eu, são os autores do livro "Freakonomics" (Steven Levitt e Stephen J. Dubner). Eles mostram que a redução da violência nos EUA na década de 90 está intrinsecamente ligada à legalização do aborto em 1975 pela suprema corte americana. Porque uma filha da classe média se quiser interromper a gravidez tem dinheiro e estrutura familiar, todo mundo sabe onde fica. Não sei por que não é fechado. Leva na Barra da

Tijuca, não sei onde. Agora, a filha do favelado vai levar para onde, se o Miguel Couto não atende? Se o Rocha Faria não atende? Aí, tenta desesperadamente uma interrupção, o que provoca situação gravíssima. Sou favorável ao direito da mulher de interromper uma gravidez indesejada. Sou cristão, católico, mas que visão é essa? Esses atrasos são muito graves. Não vejo a classe política discutir isso. Fico muito aflito. Tem tudo a ver com violência. Você pega o número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, Tijuca, Méier e Copacabana, é padrão sueco. Agora, pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. Isso é uma fábrica de produzir marginal. Estado não dá conta. Não tem oferta da rede pública para que essas meninas possam interromper a gravidez. Isso é uma maluquice só.

Se o

governador⁶ do Estado do Rio de Janeiro afirma que favelas são fábricas de produzir marginais, o gráfico dois nos mostra qual a solução que ele encontrou para resolver seu problema. Exterminar favelados.

A favela, local de moradia preponderantemente da população pobre e espaço secundário de políticas públicas é o alvo central da gestão penal da pobreza. É o espaço onde as políticas de repressão e controle social se disseminam com sua face mais violenta. (SERAFINI⁷, não publicado)

É na favela que o Estado apresenta sua “face mais violenta”, estamos inseridos em um Estado que possui duas faces, ou melhor, como já foi citado por Wacquant, é na favela que o Estado apresenta sua face *partenalista*, seus métodos de repressão e correção. No entanto,

⁶ Reportagem disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL155710-5601,00-CABRAL+DEFENDE+ABORTO+CONTRA+VIOLENCIA+NO+RIO+DE+JANEIRO.html>> Acesso em: 28/11/20012

⁷ SERAFINI, Flávio. UPP, controle social e algo mais (Não publicado)

cabe a pergunta o que estão corrigindo? Corrigir é um verbo que não cabe na política de segurança adotada pelo Rio de Janeiro.

No caso da cidade do Rio de Janeiro – dividida em zonas: Oeste, Sul, Norte e Centro, algumas são excluídas das políticas públicas adotadas pelo Estado, ou melhor zonas que não recebem políticas públicas, somente políticas que servem para aumentar e reforçar a criminalização dos pobres, negros e favelados.

Vera Malaguti Batista em entrevista ao Jornal dos Trabalhadores Sem Terra⁸, afirma que se um menino negro e morador de favela for pego com a mesma quantidade de droga que um branco, morador da zona sul, os discursos construídos pelo sistema serão completamente diferentes, isto é, o tratamento dado aos dois jovens será diferente, pelo simples fato desses jovens possuírem características diferentes, posições sociais diferentes, ou melhor, residirem em locais diferentes.

O aumento da desigualdade e da marginalidade intensifica esse processo. Assim o Estado usa cada vez mais instrumentos de controle, via coerção, para que a população excluída não tenha a chance de manifestar-se e tentar mudar o contexto no qual estão vivendo.

Assim aumenta-se a repressão sobre os menos favorecidos, e para legitimar esse processo, o Estado passa a adquirir o discurso do medo. Ao invés de se trabalhar os conflitos pela via social, o discurso do medo faz com que o Estado deixe de atender a população para construir e naturalizar a coerção repressão via sistema penal. (MALAGUTI, 2006).

No ano de 2010, não houve “Auto de Resistência” nos bairros; Copacabana, Ipanema e Leblon resultado da implantação de UPP’s (Unidades de Polícia Pacificadora). De acordo com o Deputado Estadual Marcelo Freixo⁹, o Rio de Janeiro possui mais de mil favelas e atualmente dezenove estão “pacificadas”. Ainda segundo Freixo: O mapa das UPP’s é revelador, pois apenas comunidades próximas ao setor hoteleiro da Zona Sul, proximidades do Maracanã, Zona Portuária do Rio de Janeiro e a Cidade de Deus. Isto é uma cidade programada para atender a quem menos precisa; uma cidade feita para mega eventos. Compreendo a partir disto a UPP não como um projeto de segurança pública, mas como uma estratégia do Estado Neoliberal de isolar e calar boa parte da população.

Janáina Medeiros (2006) denomina esse fenômeno de *Apartheid Carioca*, pois vivemos nos dias de hoje em pleno apartheid social no Rio de Janeiro.

⁸ Jornal Sem Terra, maio/2006

⁹ Em palestra proferida para estudantes do Curso Técnico de Nível Médio em Saúde da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio em 2010.



Foto 1 - Fabio Caffé e Vânia Bento

A palavra APARTHEID vem do dialeto africano afrikaans e tem como significado “vida separada” era usado na África para isolar negros, demonstrando sua inferioridade perante os brancos. A grande diferença entre o famoso Apartheid Africano e o Apartheid Carioca, é que o carioca é velado. Na África populações julgadas serem marginais pôde lutar e reagir aos confrontos sofridos. Já no Rio de Janeiro vive-se o que Janaína Medeiros chama de “Faz-de-conta” faz-de-conta que as classes superiores são boazinhas e faz de contas que: negros, pobres e favelados não existem.

2.3 FAVELADO SIM, E COM MUITO ORGULHO.

Ser negro e morador de favela no Rio de Janeiro podem ser fatores negativos em relação a um branco e/ou não morador de favela. Não é muito raro ouvir pelas ruas comentários preconceituosos sobre favelados. Quem nunca ouviu o bordão “coisa de favelado” ou então “só podia ser favelado” como crítica a alguma postura errônea ou equivocada de alguém? Por que não dizer “mal educado”?

O consenso difundido pela mídia, criando uma imagem negativa sobre os moradores de favelas (favelados), serve apenas para justificar e absolver políticas de segurança sobre os mais pobres. Em entrevista ao Jornal Sem Terra em a socióloga Vera Malaguti afirma:

O medo é uma ferramenta fundamental para manter este mecanismo porque ele é paralisante e torna a sociedade conservadora. Uma população que teme a favela vai querer que se extermine seus moradores. Por isso, a morte diária dos jovens de lá é vista como algo natural. Da mesma forma com que no século 19, os capoeiras eram exterminados porque representavam uma ameaça à sociedade escravocrata. Quando olhamos para a realidade atual, percebemos que as questões do século 19 permanecem. Sempre os

movimentos do povo brasileiro são tratados como crime, baderna, bagunça, caos. Acredito que isso é uma recorrência histórica para manter esta ordem que é muito parecida com a escravocrata imperial. (MALAGUTI, 2006)

Se no passado o movimento popular era tratado como bagunça, baderna e violência, hoje as ações feitas por favelados não são tratados de maneira diferente. É sobre o favelado que recai a política de Extermínio a fim de manter os interesses da classe dominante e esta por sua vez tem sua ideologia como a dominante por possuir os meios de disseminação a seu favor.

2.4 O ENVOLVIMENTO DE JOVENS COM O TRÁFICO DE DROGAS – OLHARES DISTINTOS ACERCA DE UMA MESMA QUESTÃO SOCIAL

O Censo de 2010 identificou 1.071 favelas no Rio de Janeiro¹⁰, desse total 24 favelas estão pacificadas pelo governo do Estado do Rio de Janeiro¹¹, ou seja, possuem uma Unidade de Polícia permanente. Teoricamente estas favelas não possuem presença de tráfico de drogas. No entanto, boa parcela das favelas “pacificadas” do Rio de Janeiro são dominadas pelo tráfico de drogas¹² ou milícias. Estima-se que aproximadamente 1,2 milhão de pessoas, cerca de 20% da população carioca viva em áreas em que existe a presença do narcotráfico (ALMEIDA, 2011).

Dentro das favelas, constatamos adolescentes¹³ que se encontram numa fase de descobertas e aprendizagem, fase que, para diversos indivíduos, é interrompida pela inserção no tráfico de drogas. Esta entrada no narcotráfico trás para a vida do adolescente diversos prejuízos, entre eles, prejuízo a saúde, devido ao consumo de drogas e prejuízo cultural, pois são impossibilitados de saírem da favela em que moram. Entretanto a escolha pelo tráfico de drogas se dá pela “sobrevivência” como evidencia o trecho a seguir:

A utilização das favelas para esses fins¹⁴ preocupa sobretudo pelos mecanismos de coerção empregados na cooptação de crianças e adolescentes,

¹⁰ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/infograficos/upps-favelas-rio/>> Acessado em: 27/11/2012

¹¹ Disponível em: <<http://www.uppsocial.org/territorios/>> Acessado em: 27/11/2012

¹² “É impossível acabar com o tráfico, porque tem os 'órfãos' que trabalhavam para o tráfico e também os 'órfãos' dependentes de drogas. A gente ainda identifica um pequeno tráfico dentro das comunidades, para atender esse consumo.” Afirmou o General Carlos Sarmiento, responsável por toda operação de segurança no Complexo do Alemão e no Complexo da Penha, na zona norte do Rio de Janeiro. (Folha de São Paulo, on line. 08/08/2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/956599-ainda-existe-traffic-no-complexo-do-alemao-diz-general.shtml>)

¹³ Segundo a lei N°8.069, de 13 de Julho de 1990, Art. 2º, considera-se adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos.

¹⁴ Os autores se referem ao tráfico de drogas.

que muitas vezes acabam trocando a vida escolar por uma outra infinitamente mais perigosa, mas que garante algum retorno financeiro. Em um contexto de desemprego e falta de perspectivas que assolam todo o estado[...] (ROCHA; SOUZA; SILVA FILHO, 2009, p. 459).

A leitura inicial sobre os estudos acerca do envolvimento dos jovens no tráfico de drogas é muito extensa e multidimensional, tanto no que diz respeito às abordagens realizadas nos mais diversos campos de conhecimentos, quanto nas concepções que atravessam esses estudos. Por exemplo, segundo pesquisa realizada pelo Observatório de Favelas (2006), com jovens de 34 comunidades do Rio de Janeiro, dentre os diversos motivos apontados por jovens traficantes para trabalhar nesse comércio, destacam-se: ganhar muito dinheiro; ajudar a família; dificuldade em conseguir qualquer outro emprego; sensação de poder dentro das favelas; *status* social; dificuldade em estudar; vontade de usar arma e outros.

No entanto, a explicação sobre a inserção dos jovens no tráfico de drogas e a visão acerca dos temas sociais apresentados pelo governo, mídia e outros representantes da sociedade divergem dos motivos apontados pelos jovens e da visão dos moradores de favela, os chamados favelados.

Obstinadamente não poupam esforços para mobilizar a chamada opinião pública e amealhar a simpatia de pessoas honestas, bem intencionadas e mesmo das oriundas dos próprios segmentos marginalizados. Para tanto compram e contam com o apoio de uma parte da mídia, que assume a tarefa de extrapolar a real dimensão dos crimes, elevando-a a níveis tão dramáticos que causem comoção e medo. Além disso, dispõem de substanciais aportes financeiros que são utilizados para eleger seus porta-vozes e tornar notórios seus asseclas. (MOREIRA, 2000, p.16)

Através de meios de comunicação podemos perceber a visão de boa parte da população sobre os moradores de favelas e periferias. Percebe-se como a favela é vista pelo Estado e como num efeito dominó a sociedade adere, através da criação de uma imagem deturpada e extrapolada, essa visão sobre a realidade nos morros cariocas. Assim, a sociedade aprova as políticas de repressão adotadas pelo governo do Estado do Rio de Janeiro. Um exemplo de como podemos perceber a assimilação por parte dos cidadãos cariocas do senso comum criado e disseminado pela mídia com o objetivo de criminalizar os moradores de favelas, principalmente jovens favelados, é a fala de um cidadão:

[...] fala-se muito em aumentar o policiamento, em construir presídios de segurança máxima, entre outras. De nada adianta gastar fortunas de erários públicos para essas medidas se não acabar com as contínuas fábricas de bandidos, que são bolsões de pobreza e a falta de perspectivas que existe nas favelas, onde crianças crescem sem famílias organizadas [...] (O Globo, 08/01/2007. Carta dos Leitores, p. 06)

Falas como esta nos leva a pensar que as favelas são fábricas de bandidos, em que crianças crescem sem famílias organizadas e ainda nos lembra que essa posição é fruto da imagem passada pela mídia da favela. Neste mesmo veículo de comunicação novamente é passado a imagem de favela como setor responsável pela criminalidade e refúgio de marginais.

[...] Proponho isolar os bandidos, terroristas e afins, mobilizar todo o efetivo das três forças armadas [...] ocupar todas as favelas, morros ou guetos onde se abrigam, prender todos, isolando-os por exemplo em navios sucateados. O Globo, 07/01/2007. Carta dos Leitores, pág. 06

No entanto, fica evidente a visão de que se encarcerar e exterminar os supostos bandidos abrigados em favelas solucionará os problemas que estas comunidades enfrentam. Eike Batista, um dos maiores empresários do Brasil, ao discursar sobre a ajuda que ofereceu ao Governo do Estado do Rio de Janeiro para implementação das UPP's afirmou:

“O conceito é tão fantástico, vimos que funciona. Não imaginava que **a gente ia arrumar uma solução para resolver o problema das favelas**. É um compromisso sério. Não gosto de puxadinho [...]” (EIKE BATISTA apud ALMEIDA, 2011 p. 18, grifo nosso).

Através da fala de Eike Batista infere-se que o único problema dos favelados é a presença do tráfico de drogas na favela. Todavia, o problema das favelas vai muito além da presença do tráfico de drogas, se é que exista algum problema específico à favelas e não a cidade do Rio de Janeiro como um todo. O que fica bem claro é a simplificação na resolução de uma questão tão complexa que é a presença de adolescentes no tráfico de drogas. Será que somente a presença de policiais continuamente irá aumentar o acesso a cultura, a educação, a saúde e ao lazer? E permitirá dessa forma a saída do jovem no tráfico de drogas.

Percebemos nestas falas que favelas são vistas como risco a “sociedade”, como refúgio do tráfico, portanto lugar do mal. Só não acrescentam o detalhe que este mal nasce de uma falta de perspectivas e de direitos fundamentais (ROCHA; SOUZA; SILVA E JUNIOR, 2009).

Em uma entrevista ao colunista Jorge Antônio Barros no site do Jornal O Globo, o Comandante Geral da PM, Mário Sérgio afirmou:

E em particular para o senhor? Sente, nas ruas, este reconhecimento? As pessoas (não apenas as das comunidades) falam com o senhor, comentam algo sobre o trabalho realizado?

MÁRIO SÉRGIO - Comentam comigo e com todos os outros que dividem comigo a tarefa. Mas muitos momentos me emocionam. Na sexta-feira passada, logo depois da inauguração da UPP dos Prazeres, três senhoras que moram em um conjunto residencial ali próximo vieram em minha direção perguntando se eu era o comandante da PM. Quando confirmei, uma delas me abraçou chorando, dizendo que há anos convivia com tiroteios na parede da casa dela. E que graças à UPP a paz iria chegar. Este reconhecimento de quem sempre precisou de nós não tem preço. (Blog O repórter do Crime, 09/03/2011. Acessado em: 29/11/2012)

Na fala deste representante de um departamento do Estado, fica clara, a preocupação de levar a paz e a segurança a quem não mora na favela, a regiões vizinhas. Ele diz que há anos a senhora vivia com tiroteios e isso a perturbava tirando sua paz, levando a entender que a presença de tiroteios e violência não incomoda os favelados de modo que estes são responsáveis pela violência e os problemas que assolam a cidade.

Na tentativa de ajudar a refletir sobre os fatores que contribuem para a entrada dos jovens no tráfico de drogas pode-se entender que muitas explicações são criadas a fim de se explicar essa inserção, mas os fatores apontados, para esta escolha estão envolvidos em “um processo de desestruturação bastante complexo” muito além do que o jovem ter a capacidade de escolha do jovem (ROCHA; SOUZA; SILVA E JUNIOR, 2009).

Para Zaluar, a justificativa da entrada dos jovens para o mundo do crime está centrada no conceito de revolta, formulado a partir da oposição das categorias “bandido” e “trabalhador”, em que se pode associar a última como aquela, em geral, observada na trajetória de seus proenitores e dos demais adultos que participam de seu círculo social. (ZALUAR, 1994 apud ROCHA; SOUZA; SILVA E JUNIOR, 2009, p.462).

Um fator apontado por Zaluar explicando a entrada dos jovens no tráfico de drogas é a “revolta”. Os jovens que entram para o tráfico de drogas são muitas vezes designados por pessoas próximas por “revoltados”, ou seja, jovens que desistiram de se inserirem no mundo do trabalho, pois para eles a relação de trabalho perdera o sentido devido à exploração vivenciada por seus familiares e outros. Exploração que não é recompensada. Caracterizada pelos baixos salários e autoritarismo dos eventuais patrões (ROCHA; SOUZA; SILVA E JUNIOR, 2009).

Assim o jovem faz a escolha de não ser mais um explorado pelo sistema no qual seus próximos são inseridos. De acordo com a mesma pesquisa realizada acima pelo Observatório de Favela (2006), 63% dos jovens entrevistados eram negros e pardos; 59,2% provêm de grupos familiares que a renda familiar não chega a três salários mínimos; 50% relataram ter desistido da escola entre 11 e 14 anos e 60% dos entrevistados possuíam carteira de trabalho, o que demonstra as expectativas de inserção no mercado de trabalho formal.

Estes jovens vêm como oferta de refúgio, o tráfico de drogas, em que os desafios encontrados neste trabalho são bem mais recompensados monetariamente, do que em outros trabalhos. Dificilmente o jovem conseguiria ganhar com sua formação acadêmica o que ele ganha no tráfico de drogas.

Como pode se ver esta “escolha” ocorre a partir de determinadas condições sociais.

Soares et al (2005) apud Rocha, Souza e Silva (2009) nos apresenta como fator para a inserção do jovem no tráfico de drogas a procura por visibilidade, ou seja, além de representar uma forma do jovem se ver realizado diante de seus desejos de consumo, o tráfico de drogas, pode levá-los a um status antes não conseguido. Pode levá-los a ser reconhecido pela sociedade, pois esta os considera invisíveis.

“Assim, num primeiro momento, a entrada do jovem no mundo do crime representa um apelo por visibilidade. Os jovens traficantes seriam, nesse sentido, vítimas, ainda que façam outras vítimas através da violência que praticam” (ROCHA; SOUZA; SILVA E JUNIOR, 2009, p.465).

Outro fator explicando a entrada dos jovens no tráfico de drogas é o fato de traficantes preferirem menores de idade, pois estes jovens além de possuírem menor remuneração, quando são detidos ficam presos por pouco tempo, como explica a reportagem:

O secretário estadual de Segurança, José Mariano Beltrame, diz que facções criminosas usam cada vez mais adolescentes, especialmente no tráfico, seja em áreas pacificadas ou não. Para o secretário, essa tática acontece porque os menores, quando são apreendidos, ficam pouco tempo cumprindo medidas socioeducativas.(Fábio Vasconcelos e Natanael Damasceno. O Globo, 24/09/2011.Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/menores-no-crime-perigosos-impunes-6177491>>)

Portanto percebemos qual a concepção, do Secretário Estadual de Segurança pública José Mariano Beltrame, sobre a entrada dos jovens no tráfico de drogas. Beltrame faz a relação entre o aumento do número de jovens no tráfico com a menor idade. Nesta mesma reportagem faz apologia a diminuição da maior idade para que o Estado pudesse encarcerar os jovens, tendo isso como solução para esta questão social. Cabe questionar, se apenas encarcerar estes jovens, contribui para alcançar a solução para a vida destes jovens. Pois a atuação repreensiva não substitui em nenhum momento a atuação preventiva. Prevenção através de melhoria na condição de vida de milhões de favelados que vivem em condições desumanas dentro das favelas.

Aqueles para quem o comércio varejista de drogas é emprego, é alternativa de uma vida sem muitas alternativas? [...] A grande maioria dos jovens que hoje empunham as armas nas favelas não têm acesso à educação de qualidade, à saúde, ao emprego digno, à equipamentos culturais públicos ou privados (muitos jamais foram ao cinema por exemplo). São esses os inimigos da sociedade? (FACINA, 2009)

Adriana Facina nos apresenta uma concepção sobre a entrada dos jovens que diverge da concepção midiática, ela remete a inserção a uma escolha na vida de um jovem sem escolhas, como ela mesma cita: “uma alternativa de uma vida sem muitas alternativas”.

3 O OLHAR DE JOVENS ESTUDANTES MORADORES DE FAVELA SOBRE A ENTRADA DO JOVEM FAVELADO NO TRÁFICO DE DROGAS.

O fulcro deste capítulo é ajudar a compreender e analisar através da visão de jovens estudantes moradores de favelas o que leva jovens moradores de favela a entrarem no tráfico de drogas, levando em consideração, a importância de se ouvir, aqueles que convivem com o tráfico de drogas, na sua modalidade varejista, diariamente em seu entorno. Pois é esta parcela da população que conhece a face do Estado Penal, não por opção, mas por serem obrigados.

Presença do Estado, não representada por escolas, unidades de saúde, cinemas, praças e outras, mais representada por incursões policiais, *caveirão*, upp's e outras ferramentas coercitivas do Estado, usadas para vigiar e conter esta parcela da população.

Devido à tamanha importância de ouvir a quem mais sofre com esse processo de discriminação estatal, realizei entrevistas com jovens estudantes de uma favela do Rio de Janeiro a fim de dar voz a quem jamais é ouvido, a quem jamais é levado em consideração na adoção de medidas para as chamadas “melhorias na sociedade”.

Diferentemente do que boa parte da sociedade, que não mora na favela, acredita, todos os entrevistados se mostraram incomodados com a presença do tráfico de drogas na favela. Falas se repetiram ao tratar o tráfico de drogas como algo ruim. Desconstruindo o senso comum criado pela mídia de que os moradores de favelas seriam cúmplices do tráfico de

drogas, as falas destes jovens revelam o quanto são críticos em relação à entrada jovem no tráfico.

“[...] é explícito assim, qualquer lugar que você for você vê, entendeu? Agora tá mais por causa daqueles ‘crakudos’ que saíram de algumas favelas e estão entrando em outras. Agora tá bem mais visto isso e é horrível você anda na rua e vê aquelas coisas horríveis.” (Informação verbal¹⁵).

“Passo por ele não gosto nem de olhar.” (Informação verbal¹⁶).

“[...] homens armados passando pela rua, fumando na frente de todo mundo e é desconfortável assim, to com a minha irmã e ela vendo essas coisas e não é legal.” (Informação verbal¹⁷).

“[...] antigamente a gente via bem menos. Hoje ta bem mais “escrachado”. Às vezes ta na sua porta e você tem que passar entre eles, é bem horrível, é uma situação...” (Informação verbal¹⁸)

Falas que permitem analisar e desconstruir o discurso difundido pela classe dominante e seus representantes públicos ao afirmarem que na “favela só tem bandido” ou de que os moradores das favelas são coniventes com os traficantes.

Esse falseamento da realidade – característico da ideologia dominante – permite compreender a concepção de “segurança” “pública” que predomina no Estado Penal. Vejamos a distinção de tratamento expressa na fala do José Mariano Beltrame (Secretário de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro) e perceber os mecanismos que utilizam para naturalizar e legitimar a política de extermínio dos pobres. Ao se referir às incursões da polícia nas favelas, o secretário afirmou em momentos diferentes que¹⁹:

“Mesmo morrendo crianças, não há outra alternativa. **Esse é o caminho.**” (Beltrame – <http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1998832-EI5030,00.html>, grifo nosso).

¹⁵ Entrevista com jovens estudantes moradores de favela.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem

¹⁸ Idem.

¹⁹ Fragmentos retirados do artigo “Palavras que matam.”

“não se pode fazer um omelete sem quebrar alguns ovos” (...) “**o remédio** para trazer a paz, muitas vezes, passa por alguma ação que traz sangue” (Beltrame – Jornal O Globo, 29/06/2007, pp. 14, grifo nosso).

“Um tiro em Copacabana é uma coisa. Um tiro na Coréia (periferia) é outra.” (Beltrame – Jornal “Extra” de 24/10/2007)

O secretário disse ainda, que a aproximação entre as favelas e as “janelas da classe média” não vai evitar que a polícia realize operações nesses locais, mas será necessário **“ter uma análise de critério muito grande”** (Beltrame – 24/10/2007 – Folha de São Paulo, grifo nosso).

Fica explícito o critério classista, a materialização da face penal do Estado Neoliberal, expresso na fala de uma das maiores autoridades (pelo cargo que ocupa na hierarquia) da polícia do Rio de Janeiro: para a classe dominante segurança, para a classe trabalhadora essa “segurança” significa efetivamente extermínio, insegurança, medo, ou seja, penalização da miséria.

“Muito, aqui é pouco meio escondido né, em relação há alguns lugares. Num é muito aberto. Pelo menos eu acho assim. Agora que está mais aberto, porque tá tendo esses negócios aí que vem de outra comunidade, outro lugares e tal , aí tenho visto mais assim. Mas antes não via muito não, eram poucos.” (Informação verbal²⁰)

A fala do jovem acima se refere ao fato de outras comunidades estarem sendo “pacificadas”, o que estaria resultando em uma migração para favelas não pacificadas, ficando claro, que o simples fato de “pacificar” não resolve o problema da inserção do jovem no tráfico de drogas. A famosa UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) não acaba com o tráfico de drogas, em alguns casos este permanece na mesma comunidade - como foi o caso do Complexo do Alemão - em outros, ele migra para outra comunidade.

Ao serem perguntados sobre o porquê dos jovens entrarem no tráfico de drogas, os jovens entrevistados apontaram fatores muito próximos aos destacados por jovens que trabalham no tráfico de drogas.

Ver Tabela 1.

Fatores apontados por jovens estudantes	Fatores apontados por jovens traficantes
---	--

²⁰ Idem

moradores de favela entrevistados pelo autor em uma favela no Rio de Janeiro	entrevistados pelo Observatório de Favelas (2006) em 84 favelas do Rio de Janeiro.
<ul style="list-style-type: none"> • CONSEGUIR DINHEIRO MAIS FÁCIL • NÃO TER BASE FAMILIAR ADEQUADA • FALTA DE VISIBILIDADE • RAIVA DA POLÍCIA • FALTA DE OPORTUNIDADES • AJUDAR EM CASA • MULHER FÁCIL • DIFICULDADES FINANCEIRAS • REVOLTA • QUERER ANDAR COM ARMA • PROBLEMAS DE FAMÍLIA • CURIOSIDADE • INFLUÊNCIA DE AMIGOS 	<ul style="list-style-type: none"> • GANHAR MUITO DINHEIRO • AJUDAR A FAMÍLIA • DIFICULDADE EM CONSEGUIR QUALQUER OUTRO EMPREGO • LIGAÇÃO COM AMIGOS • ADRENALINA • SENSAÇÃO DE PODER • PRESTÍGIO • VONTADE DE USAR ARMAS • VIOLÊNCIA FAMILIAR • DIFICULDADE EM ESTUDAR • DIFICULDADE EM CONSEGUIR OUTRO EMPREGO COM A MESMA RENDA

A fala desses jovens moradores de favelas permite refletir sobre a origem social da questão social em análise. Entendo que a maioria dos motivos relaciona-se a problemas gerados pelo contexto de precarização das condições e relações de trabalho, pela intensificação do desemprego estrutural, pela redução dos investimentos nas áreas sociais e restrição efetiva do acesso aos direitos sociais.

O fator “conseguir dinheiro mais fácil” foi o mais citado entre os entrevistados:

“Porque eu acho que eles acham que vão ganhar dinheiro fácil, mulher fácil, isso é o que todo mundo diz né, que quando você entra você ganha dinheiro fácil, mulher fácil, celular você vai ganhar de graça.” (informação verbal²¹).

²¹ Idem.

“Também porque não tem oportunidade de estudar e esse é o único caminho, e a pobreza também e eles vêem o tráfico de drogas como uma fonte de riqueza.” (informação verbal²²).

Como fica explícito na fala deste jovem, o tráfico pode ser visto pelos jovens, como uma fonte de possibilidades, uma forma de ter acesso aquilo que o dinheiro pode comprar. Como o mesmo jovem diz, fonte de riqueza. No entanto devemos levar em consideração que a concepção do jovem sobre riqueza pode ser diferente de outras concepções. Para um indivíduo ser considerado rico em nossa sociedade ele precisa possuir bens acumulados, para o jovem esta “riqueza” se dá de outra forma, está muito mais pautada no consumismo. A pesquisa do Observatório de Favelas (2006) apontou a que os traficantes destinavam seu dinheiro. Os fatores apontados foram:

- Comprar roupa.
- Ajudar a família.
- Gastar com lazer,
- Comprar drogas
- Outros.

Ou seja, em nenhum momento os jovens citaram que acumulavam dinheiro ou bens. Entende-se que a “fonte de riqueza” como foi apontada pelos jovens serve para satisfazer os desejos consumistas que não podiam ser satisfeitos até então na vida destes jovens. E para atender a necessidade e vontade de alguma maneira ser reconhecido e respeitado – a busca pelo reconhecimento e pelo status social, mesmo que seja empunhando armas e colocando em risco sua vida, pautado pela sociedade de consumo.

O contexto citado mais acima, sobre a questão do trabalho no momento atual, recai de forma ainda mais perversa sobre os jovens moradores de favelas. Se não bastasse a dificuldade do jovem favelado inserir-se no mercado de trabalho - seja pela crise da estrutura social na qual vivemos, seja pela redução da possibilidade de ter acesso a uma formação que lhe abra maiores oportunidades (mesmo sabendo que até os jovens com maior qualificação também estão sofrendo com o desemprego), dada às condições sociais que marcam a trajetória de vida desses jovens; - ainda recai sobre os mesmos, o preconceito por serem moradores de favela.

Assim sobram jovens desempregados que, em muitos casos, são obrigados a se inserirem em um mercado informal, como apontado pela pesquisa do Observatório de

²² Idem.

Favelas, em atividades como: “ajudante de pedreiro, entregador, camelô, cobrador de van, boy, etc. Diante deste cenário, surgem aqueles que “escolhem” o tráfico de drogas.

Dessa forma, podemos compreender esse fator (“ganhar dinheiro mais fácil”), dialogando com a análise de Zaluar citada na página 26 desta monografia faz sobre o mercado de trabalho “reserva” para os filhos da classe trabalhadora, como uma resistência à exploração, às condições de trabalho, aos baixos salários e ao autoritarismo e submissão na relação com o empregador – mesmo que essa não seja uma resistência orgânica fruto de uma análise profunda desse processo; mas real e efetiva dada sua história de sua vida e dos seus.

“[...] porque já ta na comunidade e não tem nada pra fazer e entra” (informação verbal²³).

A fala acima reflete, em grande maioria, a vida dos jovens favelados. Uma vida sem perspectiva, ocasionados pela ausência do acesso de forma mais ampla à cultura, a educação de qualidade. Acredito que dentro das favelas existe sim cultura, mas entendemos que é fundamental para o crescimento do senso crítico destes jovens, o investimento por parte do Estado nas diversas áreas e direitos sociais.

Ao serem perguntados se a entrada dos jovens no tráfico de drogas se trata de uma escolha, observamos três discursos:

1. O jovem escolhe entrar no tráfico de drogas, ele entra por livre escolha.

“Sempre é uma escolha, independente se é boa ou não, sempre é uma escolha. Escolher entrar, escolher sair e não ficar.” (Informação verbal)²⁴

2. A entrada do jovem no tráfico de drogas não se trata de uma escolha. A entrada do jovem seria uma solução diante de outros problemas.

“Não, acho que é porque por falta de opção na vida deles.” (Informação verbal)²⁵

3. Existem aqueles que estão no tráfico de drogas porque escolheram e aqueles que não escolheram.

²³ Idem

²⁴ Idem

²⁵ Idem

“Muitos entram por querer, outros não,[...] muitos entram por querer assim, acho que safadeza mesmo, e outros porque as vezes necessitam, precisam do pão de cada dia, ajudar a mãe e o pai, e as vezes esse é um trabalho fácil, né? Conseguem as coisas muito rápido, acho que é isso. [...]” (Informação verbal)²⁶

Ver gráfico 3.

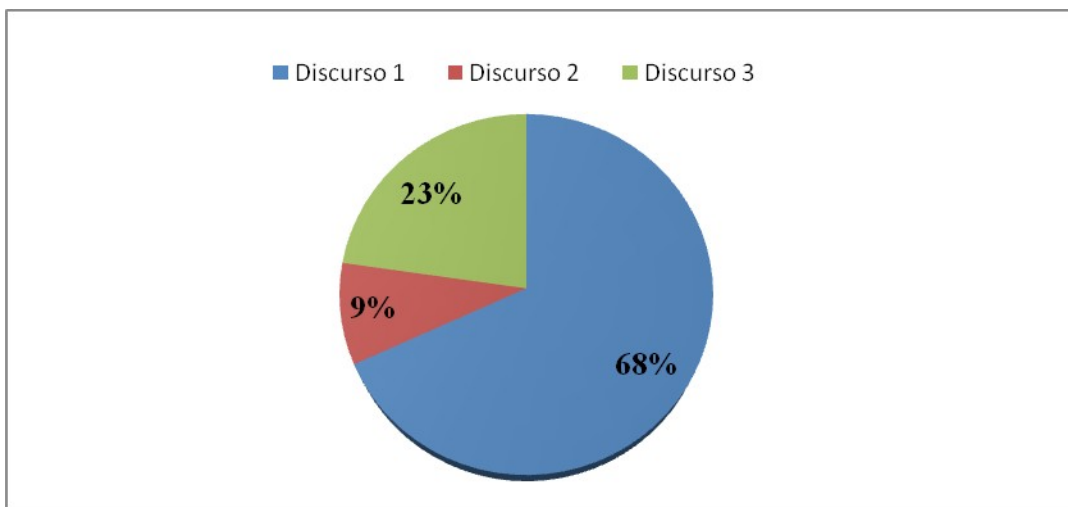


Gráfico 3 - A inserção dos jovens no tráfico de drogas se trata de uma escolha?

Fonte: O autor²⁷

Conforme o gráfico 3: 68% dos entrevistados afirmaram que a inserção dos jovens no tráfico de drogas se trata de uma escolha. No sentido de que as pessoas são livres ao decidirem se querem optar por este caminho como solução de seus problemas. Não sendo uma coisa inata ao morador de favela se tornar “bandido”. Considera-se importante o fato da maioria dos entrevistados afirmarem que “sim” há uma escolha, mas esta escolha é feita baseada em diversos fatores, como já foi apontado acima.

Levando como consideração, a suma importância de compreender o arredor em que o jovem candidato ao tráfico está inserido, os jovens responderam qual era a atuação do Estado na favela e avaliaram se esta atuação era positiva ou negativa. Dos 22 entrevistados: 19 avaliaram de forma negativa a atuação do Estado na favela, 2 avaliaram de forma positiva e 1 não sabia.

²⁶ Idem

²⁷ Idem.

Dos entrevistados que avaliaram de forma negativa, muitos se quer conheciam a atuação do Estado dentro das favelas. Entretanto, os jovens não reconhecem que a não atuação do Estado social nas favelas nada mais é do que a atuação Penal do Estado Neoliberal, como foi apontado no primeiro capítulo quando Wacquant nos apresenta a versão do Estado liberal -paternalista, a versão mais repreensiva do Estado, a versão que se materializa no cotidiano das camadas sociais inferiores economicamente, a versão que mata, que repreende, que insulta, que trata preconceituosamente, enfim, a versão penal punitiva.

Nas falas, percebemos o quanto estes jovens se sentem injustiçados devido à discriminação que sofrem e reconhecem o tratamento desigual dado a regiões do Rio de Janeiro aplicado pelo Estado. Em suas falas, além de reconhecerem a não atuação do Estado social nas favelas, reconhecem que o Estado atua de maneira desigual, de maneira seletiva, atua em algumas áreas da cidade considerados estratégicos. E aqueles lugares que para o Estado não possui nenhum interesse, como é o caso das favelas, ele simplesmente não atua de maneira social, como fica evidenciado as falas destes jovens:

Negativo, basicamente o governo não está nem aí pra gente aqui na favela, ainda mais com o tráfico de drogas, eles estão ligando agora porque tá chegando na Avenida Brasil, porque o pessoal que não mora em favela tá vendo e eles estão se preocupando com a visão do pessoal que não mora na comunidade, tipo passa pela Brasil vê muita gente usando drogas vê os crackudos usando drogas, então eles estão se preocupando com aquilo ali. Até o momento que não chega na visão deles, eles não estão se preocupando não. Aí , quando chega ali, eles começam atuar. (informação verbal)²⁸

Atualmente nenhuma, se vê até nos arredores, assistente social na cracolândia, mas não é dentro da favela. Ah, eu acho que é negativa, porque ali na linha amarela tinha uma obra que demorou muito pra asfaltar tudo e deixar tudo lisinho demorou maior tempão e uma semana depois estava tudo esburacado, eu acho que o que eles fazem com a gente é injustiça, eu acho que eles tratam entre aspas enfim a burguesia, esses bairros Copacabana e Ipanema, acho que eles que meio que aquela raça de pessoas são os que merecem melhor qualidade de vida e os pobres “merecem se foder”. (informação verbal)²⁹

Além de não identificarem a não atuação da face social do Estado, identificaram a face penal do Estado. Assim entendem que o Estado substitui sua ação social por incursões policiais. E de acordo com os entrevistados, os policiais “fazem o que querem” dentro das favelas e para esta não está disponível a opção de reclamação do tratamento sofrido. Como evidencia a fala de um jovem.

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

“Nenhuma, eles simplesmente botam a polícia pra entrar aqui, eles fazem o que querem e nós somos os errados. [...]” (informação verbal)³⁰

Diante deste cenário, concluo que a não atuação do Estado em sua face social não irá determinar, mas irá contribuir para inserção destes jovens no tráfico de drogas. Os entrevistados acreditam que se houvessem maiores investimentos por parte do Estado nas áreas sociais, os jovens traficantes teriam escolhido outros caminhos e não o tráfico de drogas. Mostrando que a escolha feita pelo Estado de combate ao tráfico de drogas se mostra ineficaz enquanto solução efetiva tanto para evitar a entrada dos jovens no tráfico de drogas quanto para acabar com esse tráfico. Como evidencia a fala:

Acho que nenhuma, eles não ligam muito para os jovens, ou tentar fazer uma coisa para tentar distrair eles. Acho que eles podiam fazer uma melhora, pra ocupar mais a cabeça dos adolescentes, ter mais projetos. Coisas que podem os fazer pensar não entrar por esse caminho. Ir para algo melhor. Essa atuação é ruim. (informação verbal)³¹

Compreendo a entrada dos jovens no tráfico de drogas como uma questão social, pois como já foi abordado neste trabalho, a entrada do jovem acarreta drásticas conseqüências para sua vida. No entanto através da leitura da concepção, o Estado possui outra visão sobre estes jovens. Para a grande maioria dos entrevistados, o Estado não trata os jovens traficantes como deveria tratar. Listamos alguns adjetivos usados pelos entrevistados para descrever a forma como o Estado enxerga os jovens que estão envolvidos no tráfico de drogas - forma amplamente reforçada pelos meios de comunicação e algumas autoridades “públicas”.

- Bandidos e traficantes.
- Uns sem alma
- Mais um
- Praga
- Vagabundos
- Animais
- Marginais
- Agressivos
- Indigente
- Lixo

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

- Um objeto
- Perdido

Reforçando o que podemos chamar de “demonização” do traficante, como nos mostra Orlando Zaccone Filho.

Assim, surge o “traficante” no imaginário da sociedade. Um homem ou mulher sem nenhum limite moral, que ganha a vida a partir de lucros imensuráveis às custas da desgraça alheia, que age de forma violenta e bárbara, ou seja, uma espécie de incivilizado, aos quais a prisão é destinada como metáfora de jaula. [...] O discurso do medo ganha retoques inquisitoriais com a “demonização” do traficante [...] (FILHO, 2008. p. 118)

O objetivo do Estado ao tratar os traficantes com os adjetivos listados acima, é fazer com que a sociedade clame por uma postura mais repressiva, uma postura incisiva sobre estes jovens.

A repentina e obsessiva reafirmação do “direito à segurança” por destacados políticos, tanto se direita quanto de esquerda, acontece ao mesmo tempo em que o silencioso desgaste do “direito ao emprego”, na sua forma tradicional (isto é, trabalho de tempo integral, por período indeterminado e com salário adequado), e o crescimento dos meios de fortalecimento legal tornam-se úteis para compensar o déficit de legitimidade sofrido pelas lideranças políticas pelo fato de terem abandonado as tarefas do Estado no campo social e econômico. (WACQUANT, 2007, p.73).

Falas se repetem pelos meios de comunicação difundindo a criminalização da pobreza. Para justificarem as mortes dentro da favela, alegam que os mortos são traficantes. Realmente, percebe-se claramente, pela atuação da polícia nas favelas, que os traficantes são tratados como lixo, praga, mais um, sem alma e outros adjetivos. Dessa forma, na concepção de “segurança” pública que predomina: ser traficante de drogas é um fator que o tira o direito a vida.

Os jovens também apontaram como o Estado trata os jovens traficantes:

“[...] eu não vejo muito tratamento deles, e quando eles vão fingir que vão tratar, eles deixam largados, jogados, é mais pra passar na televisão e ver que eles estão cuidando, mais apresentando pra mídia, né?” (informação verbal)³²

³² Idem.

“Mal, eles tratam mal, geralmente acho que eles não ligam muito [...]” (informação verbal)³³

“Eles tratam como se fosse uns sem alma, só mais um, eles chegam e tal e matam alguns, mais eles não param pra pensar porque estão no tráfico de drogas [...]” (informação verbal)³⁴

Como vagabundos que merecem ser tratados como animais, eles, os policiais batem, mesmo os jovens não sendo do tráfico, as vezes os policiais chegam e vão batendo nos jovens ou até adultos, principalmente nos negros que pra eles são vagabundos e toda pessoas que mora na favela é vagabunda e eles chegam batendo e nem perguntam quem é morador, quem é inocente, quem é traficante, quem é vendedor de drogas. (informação verbal)³⁵

“[...] não tratam nem como gente, acho que tratam como animal [...]”(informação verbal)³⁶

Essas falas revelam a percepção que os jovens estudantes têm sobre a concepção do Estado, no que se refere a questão em análise, e nos ajuda a compreender o fenômeno que vivemos, no qual o Estado capitalista, para garantir os interesses econômicos da classe dominante, criminaliza a pobreza, intensificando a exclusão social (a exclusão favela) e a criação do senso comum que todos os moradores da favela são bandidos e merecem receber o tratamento relatado acima.

Em seguida, os entrevistados, falaram como entendem que deveria ser o tratamento que o Estado deveria oferecer aos jovens traficantes:

“[...] eu acho que uma oportunidade a estes jovens, dialogo [...]” (informação verbal)³⁷

“[...] eu acho que mais oportunidades dentro das favelas. [...] (informação verbal)³⁸

“É com a favela assim, ter mais policiais, sei lá. Acho que tinha que ter mais policia, porque ia acabar. Se eles ficassem com um armamento forte.” (informação verbal)³⁹

³³ Idem.

³⁴ Idem.

³⁵ Idem.

³⁶ Idem.

³⁷ Idem.

³⁸ Idem.

³⁹ Idem.

“Tinha que dar uma chance, mostrar que pode ver o mundo de outra forma, que não é porque você entrou na primeira vez que você vai ficar pra sempre.” (informação verbal)⁴⁰

“[...] ajuda num todo, que começassem a se perguntar por que eles estão entrando cada vez mais. Eles não sabem que com dificuldade é difícil de viver.” (informação verbal)⁴¹

Todos os jovens estudantes, além de discordarem do atual tratamento que é dado ao jovem traficante também se demonstraram críticos ao perceberem que o jovem traficante necessita de muito mais do que é ofertado atualmente nas favelas, pelo Estado, para sair do tráfico de drogas. Ou até mesmo como forma de prevenção para os jovens favelados não se verem atraídos pelo tráfico de drogas, pois este se torna atraente quando, no limite de determinadas condições se torna, para alguns, a única oferta dentro de uma favela, como ficou claro na fala de um jovem, “mostrar o mundo de outra forma”. Garantir e dessa forma mostrar que não existi apenas o tráfico de drogas como fonte de renda, mostrar que a educação, cultura, esporte e outros, se garantidas efetivamente são formas de enfrentar as dificuldades existentes nas favelas.

A fala dos jovens estudantes corrobora a crítica ao discurso transcrito abaixo e que reflete a postura do Estado em relação aos jovens traficantes, pois segundo os entrevistados, não contribui para acabar com o tráfico de drogas e muito menos ajudar os jovens traficantes a sair desse tráfico. No entanto, o discurso, quanto a prática que predomina na gestão do governo do Estado atual vai de encontro a reflexão apresentada pelos entrevistados. Sérgio Cabral, governador do Estado do Rio de Janeiro, afirmou:

“Eu não quero entender bandido, quero combater bandido. Não quero ficar interpretando a bandidagem. Bandidagem pra mim não tem adjetivo. É tudo igual. Se é para um lado ou para o outro não importa. Quero é prender bandido, porque bandido no nosso governo não vai afrontar o Estado de direito democrático” (O Globo, 03/01/2007 p.03)

Como foi apontado no segundo capítulo, Sérgio Cabral em uma entrevista ao globo.com sobre a legalização do aborto no site Globo.com, afirmou que favela é uma fábrica de produzir marginal. Perguntamos aos jovens como eles se sentiam diante dessa afirmação do governador, afinal eles são moradores de favelas. Para minha surpresa, nenhum dos entrevistados sequer tinha ouvido falar sobre esta declaração do atual governador.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem.

Todos os entrevistados ao saberem desta declaração feita por Sérgio Cabral, surpresos, se sentiram ofendidos e discordaram da opinião do declarante. Como fica explícito nas falas:

“Há eu acho errado, porque como ele fala favela é uma fábrica de produzir marginais, aí a população fica com um olhar assim, há lá só tem marginal, mas não tem só isso, entendeu? [...] Tem adolescentes no tráfico, mas nem todos.” (informação verbal)⁴²

“Ele disse isso? Nossa, eu me sinto ofendida com isso, e ele é um ignorante que falou uma besteira porque nem todo mundo que tá na favela é bandido” (informação verbal)⁴³

“Bom, eu ainda não voto, mas se eu votasse, ao saber desse negócio, certamente eu não votaria nele. Só isso. (informação verbal)⁴⁴

“A favela não é só uma fábrica de tráfico, tem muitas pessoas que gostam de trabalhar, gostam de estudar, e não é uma fábrica de produzir traficante. Acho que é muito errado, tinha que abrir um processo, mas como ele é governador, ninguém vai se pronunciar.” (informação verbal)⁴⁵

Percebe-se que o processo de criminalização sobre todos os pobres indiscriminadamente.

Quando realizei as entrevistas percebi que os jovens em suas falas não se consideravam parte da sociedade. Para eles esse sentimento de pertencer à sociedade só se dá quando o indivíduo tem um bom emprego sai da favela ou que tenha um curso superior. Ou seja, ser apenas morador de favelas, não lhe dá o sentimento de pertencer à sociedade. Isso é algo muito importante a ser analisado. Porque se os jovens não se sentem dentro desta sociedade, ele não busca seus direitos. Se ele não se sente um membro da sociedade, não sente necessidade de tentar inseri-se através do acesso a escolas de qualidade, universidades e outras.

Por outro lado, devemos analisar até que ponto o Estado e os meios de comunicação criam e reforçam esse isolamento dos moradores de favelas dentro da favela. Percebemos esta questão, quando políticas do Estado e e mídia com o objetivo da não integralização dos territórios. Este não pertencimento do favelado na sociedade fica explícito na fala a seguir.

“[...] tem muita pessoa que sai daqui e se torna um grande empresário no mundo afora, se torna uma pessoa importante na sociedade e que claro muitas pessoas vão para o tráfico

⁴² Idem.

⁴³ Idem.

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Idem.

mais não é todas. Tem pessoas que batalham mesmo pelos seus sonhos.” (informação verbal)⁴⁶

A mídia possui grande poder de influência sobre a sociedade, seja a televisão, os jornais ou a internet. Sabemos o grande poder da mídia de fazer a sociedade a criar concepções sobre diversos assuntos, e dessa forma, levar diversos segmentos da sociedade a acreditar e tomar como verdade o que fora reproduzido pelos meios de comunicação. Então, como forma de saber e levar a problematização sobre o tema (A inserção dos jovens numa rede social: tráficos de drogas) perguntamos para os jovens qual era a imagem dos traficantes de drogas passada pela mídia. As respostas me levaram a considerar que os meios de comunicação em alguns momentos levam a sociedade a criar uma imagem deturpada da imagem real do traficante, do que realmente é o traficante. Ver falas.

São passados que são vagabundos, não faz nada, que só sabem roubar, mas atrás de todo vilão tem uma história, acho que o pessoal tinha que parar um pouco pra pensar também do porque, tentar procurar os motivos porque aquela pessoa seguiu aquele caminho, porque tudo tem uma explicação. (informação verbal)⁴⁷

“[...] é uma imagem totalmente contrária do que você vê quando você entra na favela. [...]” (informação verbal).⁴⁸

“[...] **a mídia faz o povo, incentiva o povo a querer: ele é vagabundo, ele tem que morrer**, tratam a gente como se fossem animais, que tudo que é ruim tem que ser pra gente, a mídia as vezes é foda. O governo controla a mídia.” (informação verbal, grifo nosso)⁴⁹

“Não concordo, porque **fala que só porque mora na favela, acha que vai para o tráfico**, mais muita gente da zona sul usa droga e ninguém mostra entendeu, mostra só na favela.” (informação verbal, grifo nosso).⁵⁰

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Idem

⁴⁹ Idem

⁵⁰ Idem

“É completamente diferente, porque mostra como se eles fizessem a coisa mais feliz e eu tenho um vizinho e ele foi traficante e ele disse que é uma coisa muito triste, você não tem vida, você não pode ir a lugar nenhum.” (informação verbal).⁵¹

“[...] o povo lá de fora tem essa **visão de favela ser um lugar de crime** por causa da mídia mesmo [...] muitos tem até medo de entrar aqui por causa da televisão [...]. (informação verbal, grifo nosso).⁵²

Fica claro através das falas, que a imagem passada pela mídia não é a mesma visão que os jovens moradores de favelas entrevistados possuem. Se os jovens que convivem com o tráfico de drogas todos os dias, - e em muitas vezes, esses traficantes são seus amigos, vizinhos e familiares - possuem uma visão diferente, percebo que legitimar como verdade a visão exposta pela mídia como verdadeira, seria um erro cometido pela sociedade. Ao perguntar aos entrevistados se a opinião da mídia, se a imagem que esta passa para a sociedade influenciaria na forma como o Estado trata esta questão social (o envolvimento dos jovens com o trafico de drogas), obtive as seguintes falas:

“Muitas vezes sim, né? Eles vão querer invadir e dominar aqui, falando que aqui só tem bandido, matando até morador”.(informação verbal).⁵³

“[...] o governo vai vim de forma mais dura, vai ter operação, esses negócios, tiro, aí como podemos ver morte de inocentes”.(informação verbal).⁵⁴

“porque vão pensar: ‘vamos enfiar a porrada na favela, na comunidade’ vão pensar: tem muito bandido, tem muita coisa.” (informação verbal).⁵⁵

“[...] acaba desinformando as pessoas, os ignorantes, os ignorantes acabam comprando essa ideia aí o estado entra na favela, faz o que quer e as pessoas aceita porque acham que aquilo é o justo entendeu. Não sabe realmente o que as pessoas tão passando”. (informação verbal).⁵⁶

⁵¹ Idem

⁵² Idem

⁵³ Idem

⁵⁴ Idem

⁵⁵ Idem

⁵⁶ Idem

“Se eles vêem que na favela tem esses horrores todos, você acha que o policial vai tratar como os moradores da favela? Como animal”.(informação verbal).⁵⁷

Estas falas revelam como manipulação de informações pode alterar na vida das pessoas que moram na favela. Pois, devido a imagem passada na mídia, como foi apontada pelo jovem, o Estado “entra” na favela mais incisivo e os trata como animais.

Uma fala de jovem tem o poder de sintetizar as falas dos jovens analisadas neste capítulo, é com ela eu o concluo.

A mídia sempre fala que o governo é bonzinho com a gente. Acho que as vezes a mídia faz dos nossos problemas o filme Tropa de elite pra ganhar sucesso de que o governo mata bandido, que o governo manda os policia pra cá pra acabar com o tráfico, pra sociedade viver bem. E no filme Tropa de Elite você vê que não é Tropa de Elite, é Tropa **da** Elite porque só tem aquilo em favela, você não vê operação da policia em Copacabana, em Ipanema e em prédios da Barra. Porque o governo tem apoio das classes médias e alta, e as classes: média e alta são Copacabana, Ipanema e os pobres não podem fazer nada e são tratados com desrespeito. Acho que o governo vê a gente com olhar diferente, há exclusão social. O governo acha que os pobres merecem ser tratados como animais e os ricos, ricos. (sobre a música do Bope) Eu acho que tem tudo a haver com o que acontecem na favela mesmo. Os policiais ao invés de fazer uma conversa normalmente, chegar na pessoa e perguntar. Não, eles saem metendo cassetete e eles falam: “Fala logo”, e se não falar mete porrada ou então mata, e aí sim o governo é assim mesmo, quem não falar, mata e encobre o caso, fala que não foi eles, fala que foi outra pessoa. Falam que os principais bandidos são os traficantes, mas na verdade são eles os corruptos. (informação verbal, grifo nosso⁵⁸)

⁵⁷ Idem

⁵⁸ Idem

CONCLUSÃO

Conforme anunciado, o objetivo da monografia era discutir e problematizar o senso comum construído pela mídia sobre o envolvimento de jovens no tráfico de drogas, através da visão de estudantes moradores de favela. Após análise dos materiais apontados na metodologia e das entrevistas realizadas concluo que o senso comum construído pela mídia hegemônica insere-se e conforma-se dentro da concepção do Estado Penal constituindo-se dessa forma como um dos principais instrumentos para a legitimação da atual política de “segurança” “pública”, através da criminalização da pobreza.

A política de “segurança” “pública” atual, de acordo com a análise realizada, parece tratar a inserção dos jovens no tráfico de drogas como esses jovens estivessem escolhendo “qual sapato usar hoje”. Essa postura é compreendida dentro do processo social mais amplo como exposto ao longo do trabalho. Assim, para possuir êxito em sua política neoliberal, o Estado precisava criminalizar a pobreza, os moradores de favela.

Analiso, que no contexto atual, essa concepção obteve êxito em sua tentativa. Pois, como resultado desta postura, assistimos diariamente em nossas televisões, jornais e internet a tentativa da mídia para lançar sobre o favelado, sobre o traficante a culpa de todos os problemas que assolam a sociedade. Inúmeros repórteres justificam a ação da polícia com as falas: era traficante. Não cansamos de ouvir falas do Governador Sérgio Cabral e de seus assessores como o Secretário de Segurança pública José Mariano Beltrame afirmarem que matar e exterminar traficantes e favelados é única alternativa para solucionar esta questão social.

Se o objetivo da mídia era manipular a sociedade para que aprovasse as atrocidades cometidas pelos nossos representantes, ele conseguiu apenas em parte seu objetivo. Pude

verificar isso ao problematizar o senso comum dominante difundido pelos meios de comunicação - através do olhar dos jovens estudantes e moradores de favela .

Essa análise permitiu verificar que, apesar da adesão de parte da sociedade à visão hegemônica da mídia, Esta visão não é transmitida automaticamente aos favelados. Como nos mostram as entrevistas, os jovens estudantes mostram-se críticos ao perceberem a diferença no tratamento dado as camadas sociais. Percebem pela experiência de vida, a manipulação da imagem da favela veiculada pelos meios de comunicação. Constatam a exclusão social a qual estão submetidos, a exclusão ao maior acesso a cultura, a educação em escolas de qualidade, saúde e outros “direitos”.

Para estes jovens, o favelado possui uma escolha, mas não como é apontado na mídia e pelas autoridades públicas. Possui uma escolha em um contexto propício a inserção no tráfico de drogas. Mas diferentemente do que Sérgio Cabral afirmou⁵⁹, para estes jovens a favela tem muito mais do que tráfico de drogas, tem pessoas que lutam em meio os obstáculos alcançar seus objetivos, mas também existem aqueles que são vítimas desse Estado. Vítimas de uma polícia que invade suas casas; matam seus amigos, vizinhos e conhecidos, torturam pessoas como animais; que exterminam qualquer resquício de dignidade existente. Como, porém não entender o tráfico de drogas uma rede atrativa para estes jovens?

Entendo que a solução para esta questão social não passa pela criminalização da pobreza, da criminalização do jovem favelado, do traficante de drogas. Entendo que o começo para solucionar esta questão seria o tratamento igualitário a todos. O tratamento social não somente a quem menos precisa, mas oportunidades a estes jovens, para sim, realizarem suas escolhas, com as mesmas opções que tanto outros jovens não moradores tiveram.

Dessa forma, concluo que a entrada do jovem no tráfico de drogas não pode ser compreendida somente como uma escolha qualquer, descolada da determinação social que a condiciona.

⁵⁹ Favela é uma fábrica de produzir marginal.

REFERÊNCIAS

MALAGUTI, Vera. **O medo a serviço do neoliberalismo**. Jornal Sem Terra, n.262, maio 2006. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/jornal/262/entrevista>>. Acesso em 29 out. 2012

LAIGNIER, Pablo & FORTES, Rafael. **A criminalização da pobreza sob o signo do “Choque de Ordem”**: uma análise dos primeiros cem dias do governo Eduardo Paes a partir das capas de **O Globo**. Comunicação e Sociedade. Ano 31, n. 53, p. 53-78. 2010.

LUZ, Hélio. **A favela é a senzala do século XXI**. Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br/no-8/1209-a-favela-e-a-senzala-do-seculo-xxi>> Acesso em 12/12/2012

BATISTA, Vera Malaguti. **O Tribunal de Drogas e o Tigre de Papel**. Disponível em: <<http://www.mundojuridico.adv.br>>. Acesso em 12 de Novembro de 2012.

FILHO, Orlando Zaccone. **Acionistas do nada: quem são os traficantes de drogas**. Rio de Janeiro. Revan. 2ª Edição de abril de 2008.

MENDEIROS, Janaína. **Funk carioca: crime ou cultura?: o som dá medo e prazer** – 1 ed. – São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006.

MOREIRA, Marcelo Rasga. **Nem soldados, nem inocentes: os jovens e o tráfico de drogas no município do Rio de Janeiro**. 2000.

MISSE, Michel (Org.). **“AUTOS DE RESISTÊNCIA”**: Uma análise dos homicídios cometidos por policiais na cidade do Rio de Janeiro. Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Janeiro de 2011.

MATTOS, Marcelo Badaró & MATTOS, Rômulo Costa. **Fabricando o consenso e sustentando a coerção: Estado e favelas no Rio de Janeiro contemporâneo**. In: Revista História e Luta de Classes, número 11. Maio de 2011.

ALMEIDA, Gelsom Rosentino de. **A violência no Rio de Janeiro: perdas e possibilidades**. In: Revista História e Luta de Classes, número 11. Maio de 2011.

FACINA, Adriana. **Feio, sujos e malvados**. 2009. Disponível em <<http://oicult.blogspot.com.br/2009/03/feios-sujos-e-malvados.html>> Acesso em: 02/12/2012

SILVA, Jailson de Souza. **Caminhada de crianças, adolescentes e jovens da rede do tráfico de drogas no varejo do Rio de Janeiro, 2004-2006**. Observatório de Favelas (2006).

WACQUANT, Loic. **Rumo à militarização da marginalização urbana**. In: Discursos Sediciosos – Crime, Direito e Sociedade. Ano 11, nº 15/16. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2007.

WACQUANT, Loic. A penalização da Miséria e o avanço do Neoliberalismo. In: **As duas faces do gueto**. Tradução de Paulo Cesar Castanheira. Boitempo Editorial, 2008. 160p.

WACQUANT, Loic. **Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social**. Boitempo Editorial, 2003. 336p.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário da pesquisa: A inserção dos jovens numa rede social: tráfico de drogas.

Idade: ____ Sexo: ____

1. Na comunidade em que você reside existe tráfico de drogas?
2. Por que alguns jovens entram para o tráfico de drogas?
3. A inserção dos jovens no tráfico de drogas se trata de uma escolha? Explique.
4. Muito se discute sobre a atuação do Estado nas favelas. Qual é a atuação do Estado na favela? Você considera essa atuação de forma positiva ou negativa?
5. Para você, como o Estado trata os jovens que estão inseridos no tráfico de drogas? Você concorda com este tratamento? Se não, qual seria a outra solução para essa questão?
6. Hoje em dia há um processo de criminalização dos jovens que se inserem no tráfico de drogas. Você acha que essa criminalização contribui para solução desse problema social?
7. Em uma entrevista o Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, afirmou favela é uma fábrica de produzir marginal, como você morador de favela e cidadão carioca se sente com essa afirmação?
8. Qual a imagem dos jovens que estão no tráfico de drogas que é passada pela mídia? Você concorda com essa imagem?

9. A opinião dos meios de comunicação sobre os jovens que estão inseridos no tráfico de drogas, influencia na forma como o Estado trata esta questão?